

O acervo João Catarino

A biblioteca de João Catarino representa (mais uma) faceta invisível do seu original possuidor. Nela se reuniram temáticas variadas mas muito centradas em torno da Arqueologia, mas que contemplavam igualmente outras áreas do conhecimento com ela conexas, minoritárias, como as do âmbito da História, Geografia Física, Geologia e, com um significado especial, da Filosofia e da Antropologia Social: de facto, ao investigador ribatejano interessavam não só as materialidades do passado, ou o tempo cronométrico”, como reflectir sobre a forma como esses elementos se integraram no quotidiano das sociedades pretéritas e que sentido para elas haviam assumido.

Num outro sentido, não se pode dissociar o acervo reunido por João Catarino do seu tempo. Para muitos leitores de hoje, o acesso contemporâneo ao livro científico é um dado adquirido, de facilidade mais ou menos óbvia. O cenário dos finais da década de 1960, da de 1970 ou sequer de 1980 era, porém, bem distinto.

Nas estantes das livrarias de alguma dimensão existentes no país, quase restringidas às grandes cidades de Lisboa, Porto e Coimbra, as estantes facultavam pouco espaço de escolha, e quase sempre com as mesmas obras. O livro importado, embora disponível, era francamente oneroso, e complicada a sua encomenda. Para mais, até ao 25 de Abril de 1974, nem todas as obras académicas estavam livres da censura, inclusive as nacionais: bastará relembrar que *O Homem faz-se a si próprio*, de V.G. Childe, importante obra do pensamento arqueológico lançada por uma editora britânica de circulação mundial, e publicada em Portugal através da “subversiva” Editorial Cosmos (com tradução do inglês feita por Joel Serrão), seria proibida. E lá está, como outras alvo do *Index* da censura, entre os livros de João Catarino.

A partir da década de 1980, porém, a biblioteca amplia-se de sobremaneira: o recurso à encomenda através de duas distribuidoras especializadas espanholas facultou um muito maior leque de recursos para a aquisição de livros. Caros, não estavam à mão de todas as bolsas. De tal forma assim o era que nas poucas bibliotecas portuguesas especializadas de então, a do Museu Arqueológico Nacional, do Instituto de Arqueologia de Coimbra e da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, as aquisições eram timoratas. Por esta razão, o livro científico faltava. E alguns eleitos de João Catarina, de que se poderiam citar J. Monteiro, à época docente da Universidade de Coimbra, A.M. Dias Diogo, então professor na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, A.J. Quinteira, em tempos com responsabilidade nos Serviços Regionais de Arqueologia do I.P.P.C. ou, em momentos mais recentes, L.M. Pinho, docente da Escola Profissional de Arqueologia do Freixo, poderão dar vivo testemunho do benefício tirado do acervo dos “livros do João” enquanto docentes e investigadores, concedido desinteressadamente pela sua amizade franca, como pela sua devoção à disciplina.

O acervo agora doado à Biblioteca da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, embora com incidências temáticas diversas, espelha bem o trajecto intelectual do seu (discreto) possuidor: com contacto privilegiado com o “grupo de Coimbra”, com Jorge de Alarcão como referência científica e pessoal incontornável, dele constam obras, monografias e periódicos dedicados sobretudo ao arco cronológico cobrindo da Proto-História à Época Romana, que bem mostram o empenho em perceber melhor o passado da sua região, o Ribatejo, e as suas “paixões” arqueológicas pelos sítios de Castro de Fungalvaz, Chamusca, São Miguel da Golegã, Porto do Sabugueiro e, acima de todos, os Chões de Alpompe.

Rodrigo Banha da Silva

Investigador integrado do CHAM
Técnico Superior do CAAL, Docente de Arqueologia